

ENTRE o diretor do SPI, à esquerda, e o Antropólogo Egon Schaden, o Repórter Bernardino de Carvalho (em pé) fez a exposição da antropofagia indígena.

DEPOIS de examinar, detidamente, uma por uma, as seqüências fotográficas que documentam a prática do canibalismo entre os índios Pakaanovas, um grupo de eminentes antropólogos e famosos sertanistas, reunidos no Salão de Honra de "O Cruzeiro", admitiram a autenticidade da denúncia formulada por esta Revista, sem levantar qualquer dúvida em torno dos fatos que lhes foram expostos.

A reunião — motivada justamente pelas controvérsias surgidas da apaixonante questão — foi encerrada com um apelo dramático do diretor do Serviço de Proteção aos Índios, Tenente-Coronel Moacir Ribeiro Coelho, ao diretor de "O Cruzeiro", Sr. Leão Gondim de Oliveira, presente aos debates, para que impedisse a divulgação das fotos, através das quais são apresentadas, com um realismo contundente, todas as fases do ritual antropofágico. A essa voz, somaram-se outras, formando número maior que o daquelas que aceitavam, embora com restrições, a divulgação de todo o documentário, único em todo o Mundo e com exclusividade cedido a esta Revista. Os apelos foram atendidos.

Da equipe do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, compareceram os Srs. Tarcísio Tôres Messias, Roberto Cardoso de Oliveira, Roque de Barros Laraia e Roberto Augusto da Mota; do Museu Goeldi, de Belém, o seu diretor, Sr. Eduardo Galvão, e o Sr. Roberto Décio de Las Casas; da Academia de Ciências de Minas Gerais, o Dr. Josafá Pena; do Museu Paulista, o Professor Egon Schaden; do Museu da Universidade Mayor de San Simón (Cochabamba, Bolívia), seu diretor, o lingüista Dick Edgar Ibarra Grasso; o Professor Nunes Pereira; e os sertanistas Orlando Villas Boas, da Fundação Brasil Central; Francisco Meireles, inspetor do SPI; e o Dr. Noel Nutels, chefe do Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas.

Além desses e do diretor do SPI, participaram, também, da reunião, em "O Cruzeiro", o ex-governador da Rondônia, Tenente-Coronel Alvarenga Mafra, promotor da expedição pacificadora dos Pakaanovas, realizada nos meses de abril a novembro de 1960; o chefe da expedição, José Fernando Cruz, que fotografou as cenas de canibalismo, e o Dr. Cláudio de Alencar Fialho, diretor do Hospital de Guajará-Mirim, deponente idôneo de casos de antropofagia na região. Na qualidade de testemunha da Imprensa, Rádio e Televisão, esteve presente o Repórter Herón Domingues.

Com o pronunciamento desses entendidos, que pode ser tomado como a palavra oficial da ciência, consideram-se superadas as dúvidas suscitadas. Posteriormente, em carta ao diretor de "O Cruzeiro", o diretor do SPI prestava o seu depoimento dizendo, "a bem da verdade", reconhecer como autêntico o documentário fotográfico que possuímos.



ANTROPÓLOGOS DO MUSEU NACIONAL, os Srs. Tarcísio Messias, Roberto Cardoso e Roberto Augusto da Mota, verificam a documentação antropofágica.

CONTINUA

00026

Nenhuma voz se levantou pondo em dúvida a antropofagia



EDUARDO GALVÃO E ROBERTO LAS CASAS, ANTROPÓLOGOS DO MUSEU GOELDI, EXAMINAM AS FOTOS.



JOSAFÁ PENA: "A NINGUÉM É LICITO OUVIR".



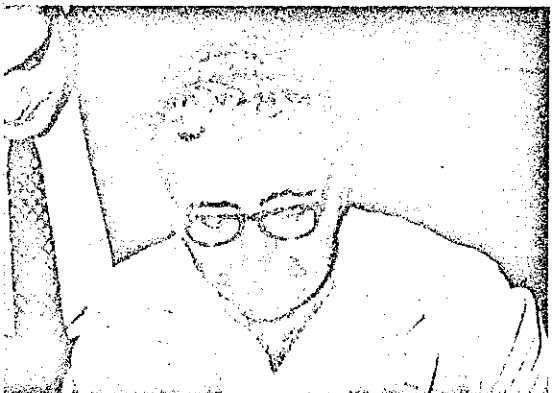
NUNES PEREIRA, pesquisador etnográfico, tem toda a sua vida dedicado às coisas da Amazônia. Suas palavras na reunião foram ouvidas com atenção. Conhecia ele o traço cultural antropofágico dos Pakaonovas, e aceitou as provas, explicando-as como resultado das mais primitivas condições da vida indígena. Censurou as falhas, erros e omissões do SPI, dançando, porém, crédito de confiança ao atual diretor.

NOEL NUTELS, famoso médico de sertões indígenas, confessou-se impressionado com a documentação de antropofagia. Mais tarde, atendendo o apelo do diretor do SPI, foi com sua equipe ao aldeamento dos Pakaonovas, no Rio Negro, e de lá voltou dizendo: "Jamais vi tantos índios morrendo na miséria, por culpa dos que não souberam fazer a pacificação. Constatamos, inclusive, elevado índice de tuberculose".



HERÓN DOMINGUES, jornalista convidado à reunião, acompanhou, um por um, os antropólogos e sertanistas no exame da documentação apresentada por "O Cruzeiro". E quando se debateu o interesse jornalístico da divulgação das seqüências fotográficas, após-se às negativas e às restrições que foram formuladas, votando pela publicação de todas as fotos que mostravam as fases completas do ritual de antropofagia.

ORLANDO VILLAS BOAS, legítimo patrimônio dos sertões indígenas, prestigiou com sua presença o memorável reunião. Não conhecia ele nenhum fato comprovante de antropofagia nos tempos modernos, e duvidava que, no Brasil, ainda existissem tribos com prática antropofágica, pois todas as tribos indicadas foram por ele observadas e não obteve confirmação. Entretanto, aceitou como autêntica a documentação.



FRANCISCO MEIRELES, sertanista de fama, inspetor do SPI, acusou o Governo de não oferecer nunca àquela instituição meios suficientes para uma razoável assistência indígena. Seu depoimento relativo à antropofagia dos Pakaonovas impressionou a todos. Fez ele relatos de várias expedições que empreendeu às áreas selváticas daquelas tribos, e deu seu testemunho de casos de verdadeiro canibalismo, que ocorreram até dentro dos limites da cidade de Guajará-Mirim, sendo vítimas um homem e um menino.



00028511

02
ANO MES DIA
62/03/31
PAG.
125

Diretor do SPI comprovou serem os indígenas Pakaanovas antropófagos e confirmou em carta a "O Cruzeiro"



COM O REPÓRTER, O DIRETOR DO SPI VERIFICOU O ESTADO DE ABANDONO DOS PAKAANOVAS.

Amável Senhor, 19 de Setembro de 1961.
Do Sen. Cel. VAGNER RIBEIRO, Diretor do SPI
Ao Ilmo Sr. Dr. EDUARDO GONÇALVES DE OLIVEIRA, Diretor de
"O CRUZEIRO".

Prezado Sr. Diretor:

Semanas atrás, na edição de "O CRUZEIRO", uma assembleia de antropólogos e de jornalistas debateu a autenticidade de uma série fotográfica apresentada pelo repórter americano de trabalho e o qual, colhido nas selvas de Rondônia, havia publicado nessa revista como prova de canibalismo.

Na oportunidade, e como Diretor do SERVIÇO DE PROTEÇÃO INDÍGENA, embora reconhecendo a realidade fotográfica manifestada, fui profundamente apreensivo ante a possibilidade de que tais fotografias pudessem vir a ser publicadas, dada a certeza de que a nossa sociedade repete o que, em seu modo de pensar, poderia causar um impacto desfavorável na opinião pública, tanto no interior como fora das nossas fronteiras.

Por outro lado manifestei-me neste respeito ao Sr. Dr. Edouard Gonçales de Oliveira e ser notoriamente errôneas as antropófagas, e desde o fato de acontecer a respeito de Rondônia, já não se poderia falar de grupos de aventureiros que devastam as selvas.

Sensível a estas razões, V. Sa. decidiu em caráter definitivo e irrevogável, em apreço, não que o serviço de Proteção Indígena tivesse de retirar qualquer coisa do assunto.

No desamento desse compromisso organizado pelo SPI, de seu "habitat" dos Pakaanovas, de que participaram alguns dos funcionários do Serviço de Proteção Indígena, bem como os repórteres americanos de Carvalho e Henry Mallot, de uma imprensa jornalística.

Inicialmente, e a bem da verdade, deve dizer a V. Sa. que concluí através de incursões in loco e da observação verificada pessoalmente entre as várias tribos que compõem a nação dos Pakaanovas.

Tal situação constitui, provavelmente, reminiscências já recuperadas de antigos rituais religiosos.

Não sirva esta afirmação, porém, para que se apresentem aos Pakaanovas características de ferocidade. Muito pelo contrário são criaturas dóceis, inteligentes, extremamente afetuosas e tão delicadas que, desde os primeiros contatos com a civilização não só atenda-

- Continua ...

- 2 -

mas a recordá-la como punição a envergonhar-se dela.
Reconheço como autêntico, portanto, o fato histórico que se refere ao que "O CRUZEIRO" é possuidor, mas renovo, ainda, o meu pedido de desculpas, o meu apelo no sentido de que ele não seja usado para publicação.

Espero ter proporcionado a "O CRUZEIRO", como compensação por querer privá-lo deste autêntico "furo" jornalístico, a veracidade e completa história da pacificação dos Pakaanovas, história triste mas profundamente humana que a rigorosa técnica jornalística de Bernardinho e de Henry Mallot saberão, por certo, transformar em reportagens valiosas e fascinantes.

Em renovar-lhe este apelo, Sr. Diretor, sei o quanto este voluntado não apenas para os Pakaanovas e cujos descendentes, que são civilizados como nós, quero poupar a partir de então, mas também ao comovido em toda essa valerosa estirpe de gente por ela - valerosa matriz da Nacionalidade - e a que nós, os civilizados, não temos procurado amar, compreender e ajudar.

Considere V. Sa. se, no exato momento em que os Pakaanovas se integram na civilização, será justo e equitativo (e não os poderia entender) como bárbaros e reativos "governadores de cadáveres".

Meus melhores sentimentos vão para os seus familiares e amigos.

Meus felizes e fascinantes, dolorosos e tristes, como o saber sobre o Sr. Bernardinho e o Henry Mallot, de quando em quando me partilha breves momentos que está custando aos Pakaanovas e deixo de impressionar na civilização.

Crendo ónus que as ambições, incompreensões e resistências divergências "de civilizados", fusessem recair sobre os nossos irmãos índios e mestiços irmãos das selvas.

Essas são as histórias e as advertências que, em benefício da causa do Índio, espero ver nas páginas de "O CRUZEIRO" o Sr. Diretor,

Wagner Ribeiro
WAGNER RIBEIRO
Ten. Cel. Dir. do SPI